

SHA - CÂMARA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HUMANAS, LETRAS E ARTES ( PÔSTER )

NOME: VANESSA BARBOZA DE ARAUJO

TÍTULO: ENSINAR E APRENDER A LER A CIDADE

AUTORES: VANESSA BARBOZA DE ARAUJO

ORIENTADOR:

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): capes

PALAVRA CHAVE: cidade, educação, história

RESUMO

ENSINAR E APRENDER A LER A CIDADE

"Ensinar e aprender a ler a cidade: práticas de ensino da História Local em Belo Horizonte" consiste no projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais que busca compreender como a cidade é apropriada, pelos professores, nos processos de ensino e aprendizagem da história de Belo Horizonte: ensinam a ler a cidade e de que maneira o fazem? Nossa hipótese central é a que os saberes e práticas que os professores mobilizam para ensinar a cidade e sobre a cidade guardam relações com a forma como leem a cidade, ou seja, como a percebem, a experienciam e a concebem.

Nosso intuito, nesta comunicação, é compartilhar alguns dos aportes teóricos que pretendemos utilizar na pesquisa, frutos de uma primeira revisão bibliográfica. São referências para a pesquisa em Educação e em História das Cidades, que apresentam grandes contribuições para a investigação sobre a temática urbana e seu potencial educativo.

A cidade não constitui uma categoria universal e ao tratar das dificuldades em conceituá-la Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes (2004) propõe que a cidade seja considerada a partir de três dimensões: como artefato, como campo de forças e como representação social, foco do imaginário social. A cidade como artefato é definida como coisa feita, fabricada, a mais complexa obra humana produzida. A cidade como campo de forças é caracterizada a partir da ideia de que esse artefato é gerado no interior de relações sociais estabelecidas entre os homens; e a dimensão da cidade como representação social é dada a partir da constatação de que as práticas que conformam o espaço também dão sentido e significações a ele.

Menezes (2004) assinala a importância de propiciar aos habitantes a tomada de consciência da cidade e o aprofundamento permanente dessa consciência, visto que "na interação cotidiana com a cidade, ela acaba por nos embotar. A importância da cidade para o habitante faz com que ela seja naturalizada, escapando, assim à própria acuidade e aprofundamento da percepção" (MENESES, 2004, p.279).

Vigotski (2010) investigará como a tomada de consciência se processa no desenvolvimento intelectual do aluno. Na análise vigotskiana, o eixo do processo de aprendizagem é a formação de conceitos pela criança. O autor parte de dois esquemas conceituais: os conceitos espontâneos – aqueles que são desenvolvidos no cotidiano da criança, aquilo que já existe no sistema de aprendizagem da criança sem a mediação da escola – e os conceitos científicos – aqueles que são adquiridos em situações de ensino intencionais.

Tomando como base a análise de Vigotski (2010), podemos dizer de um desenvolvimento espontâneo da ideia de cidade e de um desenvolvimento não espontâneo para o conceito de cidade. Se no primeiro caso, o indivíduo parte de sua experiência imediata, no segundo, a assimilação do conceito científico de cidade, promove a sua tomada de consciência, e conseqüente intencionalidade no seu uso, que passa a ser aplicado de forma consciente e arbitrária.

O indivíduo assimila a cidade que habita de forma inconsciente e não reflete sobre a sua constituição. Atrelado à utilidade que tem a cidade para sua vida, a naturaliza, sabe operar espontaneamente com ela, mas não toma consciência dela. Processos intencionais de ensino podem promover o aprendizado da cidade por um caminho distinto àquele por onde se desenvolve o conceito espontâneo. A concepção problematizadora de educação proposta por Freire (2011) corrobora com nossa perspectiva. A análise freireana parte do caráter histórico dos homens e reconhece-os como seres inconclusos, em e com uma realidade que, sendo também histórica, é igualmente inacabada. Esse inacabamento é o pressuposto da prática problematizadora, que coloca-se à serviço da transformação da realidade para a libertação dos homens. À medida que os homens refletem sobre sua "situacionalidade", sua realidade vai sendo descortinada e eles passam a apreendê-la como situação objetivo-problemática, concretizando seu engajamento no processo de humanização dos homens.

Na concepção freireana a conscientização vai além da tomada de consciência. É o desenvolvimento crítico dessa que resultará na concretização daquela. O processo de conscientização consiste na criticização das relações homem-mundo e no comprometimento com o processo de fazer e refazer o mundo e a si mesmos. É por meio de uma práxis verdadeira – reflexão/ação – que o homem alcança a conscientização, assumindo seu lugar de sujeito na história.

Considerações finais:

Ao tratar a cidade como texto a ser lido consideramos que a constituição do espaço urbano e seu cotidiano apresentam enorme potencial para a educação dos sentidos, para o entendimento da contemporaneidade e tomada de consciência sobre a cidade. Realizar a leitura da cidade implica em compreender os processos sociais e simbólicos que forjam a urbe, assim como, apreender a cidade como lugar de múltiplas temporalidades, memórias e experiências coletivas justapostas.

Acreditamos que a realização dessa pesquisa desvelará questões centrais sobre o ensino da história de Belo Horizonte, podendo contribuir para a implantação de ações públicas e práticas educativas significativas para o conhecimento histórico local e o exercício da cidadania.

Referências:

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: GUIMARÃES, Cêça, KESSEL, Carlos, SANTOS, Afonso Carlos M. (orgs.). Museus e cidades. Livro do Seminário

Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004, p. 255-281.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A Construção do Pensamento e da Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2010.